

## CONSERVATÓRIA: CANTOS DE MEMÓRIA E IDENTIDADES POÉTICAS

Idemburgo Pereira Frazão - UNIGRANRIO

### RESUMO

Nesse momento em que a aceleração das mudanças cotidianas alcança níveis antes inimagináveis, torna-se importante pensar acerca das múltiplas instâncias da memória, trazendo para o debate questões sobre uma localidade do Rio de Janeiro conhecida por manter, durante décadas, a tradição da serenata: Conservatória. Mais especificamente, intenta-se, nesse trabalho, analisar textos que expressam a visão local do evento, além de apontar para a forte relação dessa manifestação cultural popular e dos textos analisados com instâncias relativas ao cotidiano dos idosos, partindo de reflexões surgidas durante a realização de um Projeto de extensão apoiado pela FAPERJ, que tem como eixo questões inerentes à identidade e à memória.

**Palavras-chave:** Memória, identidade, poesia

## CONSERVATÓRIA CITY: SONGS OF MEMORY AND THE POETIC IDENTITIES

### ABSTRACT

By this moment, where the acceleration of the daily changes reaches levels unimaginable before, it becomes important to think about the multiple instances of the memory, bringing to the table questions on a locality of Rio de Janeiro known for keeping, during decades, the tradition of the serenade: Conservatória City. More specifically, the intention of this work is to analyze texts that express the local vision of the event, beyond pointing with respect to the strong relation of this popular cultural manifestation and the texts analyzed with instances related to the aged daily lives, starting from the reflections appeared during the performance of a Project of extension supported by FAPERJ, which has as key questions related to the identity and the memory.

**Key words:** Memory, Identity, Poetry

**CONSERVATÓRIA: CANTOS DE MEMÓRIA E IDENTIDADES POÉTICAS**

(...) A Serenata continua na quebrada das noites,  
Em frente a tantas janelas abertas ou fechadas,  
Em noites escuras e enluzadas,  
Vão cantando, perdidos no além  
Sob a imensidão das estrelas  
E a mim fazendo imenso bem (...)  
(Maria do Carmo de Carvalho Moura).

**Introdução**

Conservatória está situada em uma região que, no passado, teve como base econômica a produção cafeeira escravista. Na atualidade, o turismo transforma o pequeno lugarejo, distrito de Valença, em refúgio do líquido cotidiano contemporâneo, utilizando, aqui, um termo que remete a obras do sociólogo Zygmunt Bauman (2007). Os visitantes que, ao lotarem semanalmente as inúmeras pousadas locais, há décadas, transformaram Conservatória em importante ponto turístico da Região do Vale do Café, acorrem à pequena localidade em busca de um tempo menos fluido que, embora seja vivido no presente, dialoga, de várias maneiras, com memórias do passado. A transformação do lugarejo, com a presença dos visitantes, é radical. O “clima” histórico de Conservatória e adjacências remete os visitantes, imaginariamente, ao período áureo do café. O visitante da região do Vale do Café fluminense entra em contato com lugares e sabores que põem em diálogo aspectos que mesclam modernidade e tradição.

Quem viveu, no passado, momentos em que as ondas do rádio, em especial, da Rádio Nacional, levavam as composições musicais - hoje constantes no repertório da serenata de Conservatória - a recantos longínquos do Brasil, faz uma viagem através do tempo, no tempo das memórias. Como afirma Eclea Bosi (2003, p. 53): “a memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura, pelo indivíduo”.

O trabalho aqui que se inicia parte de reflexões realizadas no Projeto de Pesquisa e Extensão desenvolvido entre os anos de 2010 e 2012, denominado *Estudo das relações das representações sociais das manifestações musicais com o cotidiano de Conservatória, Ipiabas e Região*. O artigo retoma discussões

mantidas no Projeto e publicadas - e vários artigos - dentre eles, “Educação pela palavra cantada: reflexões sobre música, memória e identidade nas aulas de serenata de Conservatória” - (FRAZÃO, 2012), relativas às temáticas da memória e da identidade, trazendo para o conhecimento público não apenas textos que tratam da memória da serenata de conservatória, mas que, acima de tudo, revelam o olhar dos moradores, principalmente os idosos - e frequentadores dos eventos seresteiros sobre sua própria identidade.

### **Memória e afetividade como estratégias construtivas**

Analisar o trabalho textual de atores sociais da região, com ênfase nos idosos, foi também um dos objetivos do Projeto citado. Apresentam-se a seguir, análises sintéticas de alguns dos textos fornecidos pelas próprias autoras, que permitem a percepção de como a problemática da memória e da identidade se imbricam, no momento da criação das obras. Serão abordados pequenos trechos de textos de autoras que também são responsáveis por importantes projetos locais, para idosos e jovens, respectivamente o projeto “Viver Bem” e o projeto “Integrando”. O primeiro desenvolve atividades que vão da ginástica aeróbica a reuniões de grupos da chamada terceira, para o desenvolvimento de diversas atividades, inclusive culturais. É dirigido pela ex-professora Maria do Carmo de Carvalho Moura, antiga e ativa moradora do lugar. Já o segundo, trabalha com jovens da localidade, ensinando violão, preparando-os para as serenatas. Esse último é desenvolvido pela cantora e seresteira Wilma Poubel, juntamente com seu parceiro, o músico e professor de violão Célio Silveira.

Sem a preocupação de esgotar as possíveis interpretações - aliás o presente artigo intenta abrir caminho para a apresentação de outras investigações textuais como as que aqui se exercita, com certa parcimônia -, trabalhou-se apenas com trechos que tinham como temática central a seresta e/ou a serenata.<sup>i</sup> A problemática da afetividade e da memória, relativa a aspectos poéticos da “Cidade da Serenata” serão destacados, apontando também para as peculiaridades (alguns aspectos intrínsecos) dos textos.

Em Conservatória, na “poesia em passeata”, remetendo ao título de um dos textos “poiéticos” de Maria do Carmo de Carvalho Moura, as memórias se encontram” nas esquinas, mas não param de passar:

Lá vem ela.  
De longe ouço rumores  
De longe vejo cores.  
Ouço vozes  
Lá vem ela dobrando a esquina,  
A serenata – poesia em passeata  
(MOURA, s.d.)

O eu-poemático trabalha com um amálgama criativo. Nas vozes dos seresteiros, vêm novas cores. O passado não se encontra, por esse olhar, estático. Não são mais exatamente as cores do passado, mas são vozes polifônicas, que se misturam na memória dos que seguem o cortejo musical e dos moradores do centro histórico, como Maria do Carmo. Para aqueles que adicionam às lembranças dos áureos tempos do rádio e, mesmo, às modinhas do século XIX, o conhecimento sobre as cantigas de amor da Idade Média (FRAZÃO, 2012), o cortejo os leva muito além dos logradouros da “capital da seresta e da serenata”. De longe, Maria do Carmo, na janela de sua casa – onde, segundo ela, funcionou a primeira padaria de Conservatória, de propriedade de seu pai - já imagina a chegada das pessoas, pela aproximação dos sons que guardou e serão misturados aos novos sons dos atuais seresteiros. Os visitantes viajam, portanto na memória, com a memória, ao encontro da memória, mas vivem profundamente o seu próprio presente. Para essa musa das serenatas<sup>ii</sup> de Conservatória, a poesia em passeata, vem colorindo de sons, há décadas as ruas, o casario, as duas praças do centro histórico desse distrito de Valença, nas noites, principalmente as enluaradas, de Conservatória. Percebe-se a presença de uma forte afetividade identitária, no trato das palavras quando se menciona a “cidade”, a seresta e a serenata.

### Lirismo crítico

A “passeata” não incomoda Maria do Carmo de Carvalho Moura, ao contrário, é sua companheira. A poeta (que prefere não ser chamada assim)

afirma que somente nas noites muito frias não espera a passagem dos seresteiros e seus séquitos para receber as homenagens de sempre, pois já passou dos 70 anos.

Em outro de seus textos “poiéticos” e não menos críticos, Maria do Carmo afirma:

E os nossos seresteiros (...)  
com os pés caminham com amor,  
nas mãos carregam o violão,  
que a força vive no coração;  
Enquanto lá fora explodem  
bombas e tiroteios,  
nós explodimos em canção.  
(MOURA, s.d)

Entende-se por “poiesis” a capacidade criativa própria dos artistas da palavra. Nem todos os poemas de Carmo são escritos em forma de verso. Mas até em suas entrevistas sobre o seu importante Projeto Viver Bem, para os idosos, criado juntamente com sua saudosa afilhada Adalgisa, ela organiza frases de maneira poética (“ou, poiética”). A conhecida ex-professora das escolas da região, que também trabalhou como guia turística, tem facilidade no trato das palavras (e da retórica) para dar conta de um misto de lirismo e forte criticidade, marcante em sua personalidade. Recentemente, um acidente cardiovascular tentou dificultar as conversas que gosta de manter com vizinhos, visitantes e, principalmente com pesquisadores que, rapidamente transforma em amigos de longa data. Mas a professora segue em frente, apoiando (e muitas vezes criticando construtivamente) os amigos seresteiros locais. Sua temática mais recorrente está centrada nos destinos da serenata de Conservatória.

No texto aqui exposto em forma de poema, Carmo utiliza novamente a ideia de passeata - usando inclusive um trecho idêntico, mas pertencente a diferentes obras. Os pés são fundamentais para a caminhada. Mas como não se trata de uma caminhada comum, e sim, “poiética”, os pés caminham com amor. Nas mãos como arma, os seresteiros carregam um violão. A remissão a bombas e tiroteios levam o leitor ou expectador a refletir sobre os problemas da cidade grande e compará-los à vida pacata de Conservatória. Mas, é importante que se

acrescente, embora se esteja tratando de momentos de lirismo marcante, para terceira idade, há, por trás de tal lirismo, inúmeras questões problemáticas que não devem ser ocultadas (e que Maria do Carmo faz questão de reiterar). O Projeto de extensão, mencionado anteriormente, desenvolveu reflexões sobre diversos problemas, como por exemplo o da questão da empregabilidade dos jovens e da manutenção da tradição da serenata frente às investidas da modernidade que, muitas vezes, passam despercebidos dos visitantes. Maria do Carmo está sempre atenta a eles, mas aqui, se refere à importância de Conservatória como reduto de grupos que encontram um recanto para não se sentirem tão excluídos, por serem “velhos”. O verbo explodir surge, no texto, com outro matiz. A explosão se dá no campo musical e poético. Ao explodir em canção, os moradores iluminam seus rostos, não com a luz dos estampidos e luzes das grandes cidades, mas com a alegria de poder cantar e relembrar melodias, letras e performances (MATOS, 2008) do passado em paz.

### “Temp(I)o” da memória

Uma outra poeta da localidade, mais conhecida por seus dotes vocais – é uma das mais importantes, frequentes e afinadas intérpretes das serenatas -, chama-se Wilma Poubel. A artista expressou em um texto misto, ora em verso, ora em prosa, a mesma afetividade (embora não seja uma moradora tão antiga do lugar), o mesmo sentimento lírico de Carmo e acrescenta um teor descritivo, em determinado momento, mais explícito, mas não menos criativo:

Entro no templo da canção  
Sinto um estremecimento de emoção  
Palpita forte o coração.  
Pensamentos povoam minha mente,  
Observo, no silêncio, as paredes que falam dessa história. Manchetes,  
fotografias, títulos ou trechos de canções.  
Imaginando, volto ao passado. Nesta ilusão, vejo os personagens,  
nitidamente numa evolução fantástica.  
Cada violonista, compenetrado, seu nobre instrumento.  
A canção ecoa, melodiosa e calma, dispersando-se em ondas para o infinito.  
(...) (POUBEL, s.d.)

O trecho escolhido desse poema demonstra a liberdade de utilização dos elementos poéticos formais (conscientemente ou não). Inicia rimando e organizando o texto no formato comum dos poemas. Mas, mais adiante, se desprega da métrica e se deixa levar pelo conteúdo, pela emoção e, principalmente pela afetividade, organizando o poema de maneira mais aos moldes modernistas. Tanto o “eu-poemático” de Maria do Carmo como o de Wilma Poubel, têm consciência de que a volta ao passado é uma ilusão. Vivem o presente. A evolução fantástica, mencionada no texto, dá-se nos pés dos seresteiros, que não dançam, mas carregam a função de lutar com palavras, melodias e performances. Esses três últimos elementos citados, são apontados por autores como Paulo Tatit, como elementos da “palavra cantada”. Não se trata, de acordo com essa visão, apenas de letra e melodia. A composição se completa com a “performance. (FINNEGAN, 2008) Esse assunto também é abordado por mim, no artigo “Educação pela palavra cantada: reflexões sobre música, memória e identidade nas aulas de serenata de Conservatória” (2012), onde se reflete sobre a “performance” como parte constitutiva das composições musicais.

A explosão em canção, de Carmo, está no presente. Em Poubel, embora tenham os pés no chão, os seresteiros e suas musas sentem que “ a canção dispersa-se em ondas para o infinito”. Os sons vão sumindo aos poucos. Poubel acrescenta, mais à frente em seu poema: “rostos iluminados por uma indescritível felicidade. Sentimentos quase palpáveis. Emoções quase concretas.” (POUBEL, s.d.) O que artista ratifica é o fato de que o idílio é proposital. A menção a termo “quase” se dá pela sempre adiada certeza, diante das emoções pelos sentimentos, pelos laços da afetividade. Não se tem a ilusão, de acordo com o texto de Poubel, de que o passado volta como fora. Isso nos remete a reflexões acerca da memória coletiva, de Maurice Halbwachs (2006). Tanto nos textos de Wilma Poubel quanto nos de Maria do Carmo de Carvalho Moura, aqui destacados, depreende-se o entendimento de que a memória não traz o passado de volta, mas que pode tornar-se, um excelente objeto lúdico, uma espécie de jogo poético e, acima de tudo, companhia terapêutica.

Na homenagem que fez aos fundadores do Museu da Seresta e da Serenata, os irmãos seresteiros José Borges Joubert Freitas (ver: MAGNO, 2005), seus amigos e principais responsáveis pela transformação da serenata em atrativo turístico, Maria do Carmo retoma a descrição da serenata e dos seresteiros:

Nos pés, passo a passo caminha o amor  
Nas mãos, caminha o violão,  
Força viva do coração.  
Começa a serenata.  
Serenata, poesia em passeata  
Verdadeira magia  
Que a todos contagia.  
(MOURA, 2012)

Como se pode perceber, a temática da serenata se desenvolve em termos de exaltação, mas fica para o analista textual a percepção de que os eventos seresteiros são, mais que shows musicais, momentos terapêuticos e de forte orgulho identitário, mas que se tem clareza dos problemas que a serenata também enfrenta. Ao dispersar-se no infinito, lembrando o poema de Wilma Pobel, as ondas sonoras levam os problemas e a paz interior ocupa o lugar de prováveis e possíveis dores.

Mais do que analisar muitos dos poemas de Carmo e Pobel, a proposta de remissão aos seus trabalhos, aqui, se deu, não apenas pela relação que se pode fazer entre a temática da serenata, a memória e a velhice, mas pela maneira como os elementos da memória e da afetividade tornam-se poéticos e permitem que se tome conhecimento de textos que, muitas vezes singelos, revelam o importante olhar daqueles que transformam a memória, não em lenitivo, mas em motivo para superar dificuldades cotidianas e viver nesses tempos de liquidez.

### **Conclusão: .**

Como se pode depreender das análises e reflexões realizadas nesse artigo, a serenata, através do filtro da memória, torna-se um veículo possante que tem

levado inúmeros moradores e turistas a viajar no tempo (e, muitas vezes, a refletir sobre ele). Assim, a memória individual, impregnada pela memória coletiva, se investe de um vigoroso poder. A serenata, em seu cortejo pelas ruas de Conservatória, é mais que um simples entoar de canções do passado. Através das palavras, da música, na performance dos seresteiros fixam-se as identidades, presentificam-se as memórias, aí surge a “serenata em passeata”, para lembrar um trecho do poema da amiga entrevistada/entrevistadora Maria do Carmo de carvalho Moura, com seus sons, com suas cores, com seu lirismo-crítico.

Os pequenos trechos de poemas interpretados aqui, sinteticamente, mostraram como a íntima relação com a serenata faz da mesma um fundamental elemento identitário, tanto para quem nasceu no local, como Maria do Carmo, quanto Wilma Poubel, que frequenta a região há bastante tempo por causa (e em favor) da serenata. A serenata é motivo de vida e forma de enfrentar a realidade: “Enquanto lá fora explodem bombas e tiroteios/ nós explodimos em canção”, afirma o “eu-poemático” de Maria do Carmo, enquanto o “eu-lírico”, no poema de Poubel, diz: “Imaginando, volto ao passado / Nesta ilusão, vejo os personagens, nitidamente numa evolução fantástica”. A relação da serenata com a memória é indiscutível, como também o é a forte presença da afetividade em tudo que diz respeito a ela ao Distrito de Valença em que mora. Tratando da problemática dos Bairros, Eclea Bosi afirma; “O bairro é uma totalidade estruturada, comum a todos, que se vai percebendo pouco a pouco, e que nos traz um sentido de identidade”.(Bosi, 2003, p. 75) Como se pode perceber nos poemas de Carmo e Poubel, essa identidade, em Conservatória, rima com afetividade, o que não quer dizer, como se pontuou durante o desenvolvimento do artigo, que não se tenha, também, um olhar crítico sobre os problemas locais e globais.

## BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Jorge Zahar Ed., 2007

BOSI, Eclea, *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê Editorial,, 1996.

FINNEGAN, Ruth. “O que vem primeiro: o texto, a música ou a performance?”  
In: MATOS, Cláudia Neiva de; Travassos, Elizabeth e Medeiros, Fernanda  
Teixeira de. (Org.) *Palavra cantada: ensaios sobre poesia, música e voz*. Rio de  
Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2008.

FRAZÃO, Idemburgo. Educação pela palavra cantada: reflexões sobre música,  
memória e identidade nas aulas de serenata de Conservatória. In: p. 73 a 91  
*Cadernos de Educação*. Rio de janeiro: Ed. Livre Expressão, 2012.

HALL, Stuart. *Da Diáspora*. Identidades e mediações culturais. Liv Sovic (Org.)  
Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: UFMG/ Brasília:  
Representação da UNESCO.

HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São  
Paulo: Centauro, 2006.

MAGNO, Marluce. *Projeto Conservatória meu amor*. Jovem também gosta de  
serenata. Ed. Marluce magno, Valença, 2005.

MATOS, Cláudia Neiva de; Travassos, Elizabeth e Medeiros, Fernanda Teixeira  
de. (Org.) *Palavra cantada: ensaios sobre poesia, música e voz*. Rio de Janeiro:  
FAPERJ/7 LETRAS, 2008.

MOURA, Maria do Carmo de Carvalho. Textos inéditos. Mimeo (s.d.)

POUBEL, Wilma. Textos inéditos. Mimeo.(s.d).

---

<sup>i</sup> O seresteiros e estudiosos locais entendem que serenata é o termo apropriado para se referir ao cortejo musical que sai às ruas, em coro, à noite, para interpretar canções; enquanto seresta se refere mais propriamente à cantoria realizada em recinto fechado.

<sup>ii</sup> Afirma-se, aqui, ser Maria do Carmo a musa das serenatas, pelo fato de que, muitas vezes a “passeata” poético-musical, ao passar à frente de sua casa, lhe presta homenagens.